

DO BAMBI AO RAMBO OU VICE-VERSA? NOSSAS RELAÇÕES COM A (E NA) NATUREZA

Alcyane Marinho
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

À medida que o meio natural vem sendo destruído – afetando, principalmente, a qualidade de vida humana –, as questões ambientais têm recebido cada vez mais atenção por parte de pesquisadores e estudiosos. Neste sentido, nunca se fez tão necessário refletir sobre a relação entre os humanos e a natureza. É neste quadro que são percebidas novas formas de se relacionar com o meio natural e com outras pessoas. Será especificamente sobre a manifestação da prática de atividades de aventura na natureza e suas repercussões que este texto pretende tratar.

Palavras-chave: natureza; esporte; sensibilidade.

Introdução

“... do discurso ambientalista com sotaques tecnocráticos ao jardineiro de domingo cultivando e falando com amor de seu canteiro de legumes, passando pelo descritivo poético dessa paisagem ‘a ver’, proposto pelo ‘guia turístico’, o campo da relação com a natureza é muito amplo.”¹

Tendo noção da amplitude nos assuntos referentes à natureza,² como é colocado por Maffesoli, é possível afirmar que, em nenhum outro momento da história humana, fez-se tão necessário refletir sobre o relacionamento sociedade/natureza, tendo em vista, principalmente, a forte e atual aproximação humana ao meio natural no que se refere as mais variadas instâncias: econômica, social, política, religiosa, etc.

A problemática ambiental tem aumentado significativamente devido ao deterioramento dos ecossistemas e do ambiente construído, afetando, entre outros fatores, a qualidade de vida humana. Cabe, aqui, mencionar que são inúmeras as reportagens, em jornais, livros e revistas, que apontam o ser humano como agente destruidor do meio ambiente. O contrário, muitas vezes, não é colocado, sendo poucas as que mostram as comunidades e instituições humanas que preservam a natureza (bem como seus elementos) com ela convivendo em harmonia e prazer. Neste sentido, compartilho com Rodrigues³ o fato de que a questão ambiental coloca a necessidade de releitura do território, considerando e compreendendo a complexidade da apropriação, da produção, do consumo, da distribuição, a complexidade do ecossistema, assim como as relações que se estabelecem, no tempo e no território, entre as sociedades e a

¹ MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*, p. 243.

² A natureza está sendo tratada aqui como um conceito que, de acordo com Carvalho (1994: 26), “exprime uma totalidade, em princípio abstrata, que os homens concretizam na medida em que a preenchem com suas visões de mundo”.

³ RODRIGUES, A. *A questão ambiental e a (re)descoberta do espaço*, p. 68.

natureza. Ressalto ainda que, mesmo sendo vivida em um determinado espaço, a natureza tem dimensões globais, mundiais, por isso todas as instâncias deveriam ser observadas. Desta forma, Rodrigues esclarece:

“Trata-se não da socialização da natureza ou da naturalização da sociedade, mas da busca de compreensão das inter-relações e das especificidades, pois, a compreensão será atingida não com a soma das partes, mas com a análise concreta da realidade, com a superação do atual paradigma científico-tecnológico e construção de novos paradigmas científicos.”⁴

Neste sentido, mesmo que os seres humanos sejam “naturais” e a vida em si seja natural, a natureza como um todo tem sido considerada de maneira exterior aos homens e às sociedades. E, ainda, mesmo que os processos da natureza não tenham uma aceleração natural, os mesmos podem ser acelerados por meio de processos tecnológicos.⁵ Ciência e técnica representam fatores que possibilitam o descobrimento de novas alternativas de recursos naturais.

“Ciência e técnica como instrumentos de ‘descoberta’ de formas e processos construtivos de contenção de enchentes, de incêndios, de novas fontes de recursos, de energia, enfim, de superação da tecnologia pela própria tecnologia.”⁶

Pensar no desenvolvimento de grandes construções (cidades, parques, rodovias, túneis, barragens, etc.) e na transformação da paisagem em si (exploração/preservação da natureza), faz-nos refletir sobre nossa própria história no mundo, nossa existência na Terra. Esta que, na contemporaneidade, permeia-se por novas maneiras de se perceber a natureza. É exatamente sobre estas novas formas de percepção e de relação com a natureza que este texto pretende abordar.

Conflito entre atividades de aventura e natureza?

Utilizarei, como eixo norteador, as idéias de Vanreusel⁷ desenvolvidas em seu artigo “Do Bambi ao Rambo: em direção à uma abordagem sócio-ecológica para a busca dos esportes ao ar livre”.

Primeiramente o autor aponta que a busca pelo esporte *outdoor* e o conceito de consciência ambiental parecem ter se desenvolvido completamente independentes um do outro com o passar do tempo. Os poucos pontos de contato que existiam, sugeriam uma figura idealizada de indivíduos praticando seu esporte em grandes ambientes *outdoor*, em uma harmonia quase perfeita com seus arredores naturais. Entretanto, os entusiastas de esportes ao ar livre podem, justificavelmente, ser descritos como a vanguarda do movimento ecológico: escoteiros (exploradores), aqueles que caminham e praticam *canoeing* foram, antes de tudo, os herdeiros diretos da mitologia

⁴ Idem.

⁵ Por exemplo, o processo de gerar energia por meio de represas minimamente planejadas.

⁶ RODRIGUES, A. op. cit., p. 35-39.

⁷ VANREUSEL, B. *From Bambi to Rambo*, p. 273-282.

dos primeiros caçadores, bem como de suas técnicas utilizadas. Bem antes das atividades ao ar livre terem se tornado esportes institucionalizados, elas já estavam sendo perseguidas pelos interesses da ciência natural. Vanreusel ainda afirma que os primeiros escaladores alpinos se viam como pesquisadores ambientais.

Ao fundamentar-se em Broekhoff & Borms (1981) e Telama (1990), o autor mostra que o primeiro estudo sobre as relações entre o esporte e o meio ambiente se referia às qualidades da “*natureza como um meio ambiente de esporte para todos*”, mas que, no entanto, poucos esforços foram feitos neste período para discutir os possíveis problemas ecológicos relacionados aos esportes *outdoor*.

Vanreusel⁸ ressalta que a democratização dos esportes ao ar livre originou o primeiro atrito visível entre a busca pelo esporte e a proteção ambiental. O aumento profundo neste tipo de atividade esportiva *outdoor* levou, inicialmente, a um número de conflitos em uma escala limitada e local. Mas os conflitos locais entre os esportes recreacionais e a conservação da natureza, desde então, tem se estendido para quase todas as regiões que contêm características atrativas naturais. Conseqüentemente, o que foi antes tratado como um problema periférico tem agora se desenvolvido para um problema existencial quanto à busca pelos esportes e a aceitabilidade social dos esportes ao ar livre. O uso do ambiente natural para a busca de esportes na natureza agora está sendo cada vez mais criticado, questionado, restringido e proibido. O conflito finalmente explodiu quando os ecologistas começaram a culpar os praticantes destes tipos de atividades por estarem criando um problema ambiental, enquanto a maioria destes entusiastas, que procurava por suas atividades, estava na verdade mal informada sobre os impactos ecológicos que estavam sendo causados por eles.⁹

É neste quadro que se pode perceber, de acordo com Vanreusel, a emergência de um possível conflito entre esporte e natureza.

A partir das idéias deste autor, pode-se pensar que, atualmente, pelo fato de os entusiastas esportivos *outdoor* estarem cada vez mais se apresentando como amantes da natureza, eles possam estar sendo, definitivamente, considerados pelos ambientalistas como uma ameaça ecológica. Como resultado de todo este processo, o autor chama atenção para o quanto a imagem do entusiasta de esportes ao ar livre tem se alterado. A visão cultural daqueles que praticam atividades ao ar livre está longe de ser a de um aliado do meio natural que vive na e com a natureza comportando-se de acordo com princípios ecológicos (o tipo Bambi). Ao contrário, os entusiastas de esportes *outdoor* estão sendo vistos agora, freqüentemente, como destruidores e poluidores da natureza e, como seria de se esperar, aventureiros que simplesmente se unem às expedições esportivas e esmagam as sutilezas e os refinamentos ecológicos (o tipo Rambo).

Segundo Vago¹⁰ esta visão contraditória dos praticantes de esportes *outdoor* é permeada por um processo de mudança social e cultural, o qual tem se apoderado das atividades ao ar livre em dois diferentes níveis. No primeiro, o protótipo do entusiasta

⁸ Ibidem, p. 274.

⁹ Para estas colocações, Vanreusel utilizou autores como: Daniels & Krannich, 1990; Duffey, 1975; Liddle, 1973; Renson, 1983; Straeter & Voigt, 1989; Tuning, 1989.

¹⁰ Apud VANREUSEL, B. op. cit., p. 275.

(ambientalmente amigável) destes esportes tem sido sucedido por outros grupos e tipos. O advento destes novos entusiastas não tem somente levado a uma multiplicação e diversificação das atividades esportivas ao ar livre mas, também e, fundamentalmente, alterado todo o significado social das atividades esportivas na natureza. Em segundo lugar, o conceito de natureza tem sido socialmente redefinido. Desde então, os diferentes tipos de usuários têm dado diversos significados para a natureza, que tem mudado de um conceito singular para um conceito plural.

É neste sentido que Vanreusel acredita que este processo dual de mudança social e cultural deveria servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma abordagem sócio-ecológica com relação à busca do entusiasta pelas atividades *outdoor*. Por esta razão, segundo o autor, a mudança na imagem do entusiasta de esportes ao ar livre de um amigo ecológico para um inimigo ecológico deveria ser melhor discutida.

Redefinindo a natureza

A reversão da imagem dos entusiastas de esportes ao ar livre do ecologicamente amigável para o ecologicamente não amigável pode também ser trilhada conforme o significado social da natureza, que tem claramente, agora, tornado-se pluriforme.¹¹

A visão crescente do ambiente natural como um território para diferentes praticantes de atividades *outdoor* tem também levado a uma mudança no caminho que a sociedade considera natural. Conforme Vanreusel¹²

“os primeiros entusiastas de esportes ao ar livre defenderam uma visão idealizada da natureza como um mundo ecologicamente harmonioso. Devido à influência da crescente consciência ambiental, a natureza foi redefinida como um ambiente racional. O conhecimento e a administração do ambiente e a satisfação da qual o homem é dependente e responsável pela qualidade do ambiente é central para esta definição racional. Esta definição está implicitamente sustentada pelas expedições científico-recreacionais e pelas atividades que nós podemos caracterizar como ‘esporte da paz verde’ (*Greenpeace sport*).”

Permaneço com o autor citado para ressaltar que a satisfação trazida pelas atividades esportivas ao ar livre por meio da (pseudo) aventura ao alcance de todos, produz uma definição social da natureza como um ambiente de experiência orientada. Na mesma passagem do texto, ele explica que

“quando o valor desta experiência recreacional ganha importante ênfase, é freqüente, pelo custo, que se tenha uma busca responsável, em termos ecológicos, por estes esportes ao ar livre. A natureza, então, deteriora-se, torna-se meramente uma área de atividade cujo propósito é simplesmente servir às necessidades do entusiasta esportivo que procura por satisfação.”

¹¹ VANREUSEL, B. op. cit., p. 278.

¹² Idem.

Se esta atitude é tida como um passo novo, a natureza é levada para um plano ainda mais secundário. Redefine-se, portanto, um ambiente coincidentemente atrativo e conveniente (um perfeito pano de fundo) para as atividades esportivas. O conhecimento do meio ambiente ou a proteção ambiental são quase completamente irrelevantes neste contexto e o enfoque do consumidor orientado domina qualquer consideração sobre a natureza. A definição da natureza como um “pano de fundo” possibilita o entendimento do consumidor esportivo. Vanreusel aponta que a introdução da neve artificial, o desflorestamento para fazer pistas de *ski* e o desgaste das cavernas são os resultados diretos de uma redefinição da natureza como este citado “pano de fundo”.¹³ Um exemplo bastante pertinente sobre esta redefinição da natureza é dado pelo autor: iniciativas tais como “Troféus de desafio”, nas quais grupos de executivos do mundo dos negócios e das indústrias ficam em oposição uns aos outros em um jogo de representação de sobrevivência, redefinem a natureza como um teatro no qual os indivíduos agem fora do espetáculo industrial. A natureza é agora reduzida a um cenário teatral no qual os protagonistas se empurram para seus limites físicos. Vanreusel prossegue seu raciocínio:

“Neste estágio de redefinição, a natureza é abstraída em um mero símbolo. Os ambientes naturais tornam-se metáforas para os obstáculos e dificuldades que ocorrem na ‘vida real’. De acordo com esta definição, a superação destas barreiras naturais, seja caminhando, escalando ou nadando pode ser traduzida para lições de vida escolar para indivíduos ou grupos.”¹⁴

Finalmente, em uma visão pós-moderna da natureza, como pontua Vanreusel, as imitações artificiais da natureza são construídas como substituições para as coisas reais. Portanto, não somente as atividades esportivas ao ar livre mas, ultimamente, a própria natureza é dispersada e/ou retirada do seu contexto original e reconstruída em um ambiente “estranho”. O homem pós-moderno é familiarizado com as rochas artificiais para escalada, com as pistas *indoor* de *ski* e com piscinas que simulam ondas, principalmente, (mas não só) para surfistas.

O autor em questão, aponta um número de linhas de desenvolvimento que pode ser identificado nesta redefinição contínua do meio natural. Primeiro, segundo este autor, o conceito da própria natureza está gradualmente desaparecendo e sendo levado para um segundo plano. Segundo, existe também um risco de que uma abordagem ecológica para a busca desses esportes ao ar livre gradualmente esteja escondida por esta definição social (fora) do ambiente natural. Terceiro, o conceito de natureza está evoluindo de um meio tangível, concreto para um estoque de idéias que podem ser usadas para servir para uma variedade de fins. As várias redefinições sociais da natureza estão se movendo fora de uma abordagem ecológica da natureza para um conceito econômico e egocêntrico da natureza, ou seja, de definições eco-cêntricas para

¹³ É pertinente ressaltar, neste momento, que mesmo em se tratando de um outro contexto (em um outro país), as colocações e os exemplos colocados por Vanreusel têm relação estreita com a realidade brasileira, no que se refere aos impactos causados pelas atividades mencionadas, mesmo que em diferentes escalas.

¹⁴ VANREUSEL, B. op. cit., p. 279.

definições ego-cêntricas.

É nesta direção que Vanreusel tenta mostrar a necessidade da existência de uma abordagem sócio-ecológica para a busca de esportes ao ar livre, tendo em vista os efeitos nocivos que os mesmos têm causado no meio natural. Contudo, o autor aponta que uma abordagem “verde” excessivamente parcial e dogmática não pode proporcionar uma solução global para o problema, uma vez que este tipo de abordagem não pode reconhecer a necessidade de uma recreação de alta qualidade. Similarmente, uma abordagem excessivamente orientada para os esportes pode ser igualmente não apropriada, uma vez faltando conhecimento e compreensão suficientes do ecossistema natural. A proposta do autor refere-se a uma abordagem sócio-ecológica para o problema tratando da relação entre os praticantes das atividades ao ar livre (como uma realidade social da qual não se pode escapar) e a necessidade urgente de uma abordagem ecológica fundamentada. Este debate sobre as atividades *outdoor* x a proteção ambiental, bem como o desenvolvimento de uma abordagem sócio-ecológica, requer uma consideração ética.¹⁵

Fica claro, portanto, que estas atividades praticadas no meio natural causam, por si só, um determinado impacto, seja ele em pequena ou grande escala e que estes danos merecem certa importância. Estudos tratam destas questões, as quais têm sido denunciadas, principalmente, por associações ecologistas, as quais requerem propostas alternativas para a minimização destes impactos. Estas reivindicações além de poderem ser claramente observadas ao longo do discurso de Vanreusel, podem também ser detectadas em outros autores.¹⁶

Nesta direção, cabe destacar que um dos primeiros pontos de partida, para entender como ocorreram as inúmeras transformações no modo como os seres humanos (de todos os níveis sociais) percebiam e classificavam o mundo, é o livro escrito por Thomas¹⁷ sobre a relação humana com a natureza, no período de 1500 a 1800, particularmente na Inglaterra. O autor ressalta que:

“alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados, nesse processo. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem. O relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido, e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado.”

É possível verificar que, de acordo com Thomas, é equivocada a idéia de que os seres humanos valorizavam mais a natureza no período anterior à industrialização. Contrariamente a isso, apenas depois de a flora e a fauna serem dizimadas é que o homem passou a ter maior preocupação com ambas. Este autor trata exatamente da passagem da violência sobre o mundo natural para uma relação baseada na simpatia e na sensibilidade. O antigo processo baseado no domínio da natureza é amenizado a favor de um domínio mais suave e com maior consciência. Este processo está, ainda,

¹⁵ Vanreusel aprofunda-se nestas questões éticas baseando-se em Holderegger, 1989.

¹⁶ Castillo, D. et al. (1995); Da Costa, L. (1997); López Pastor, V. & López Pastor, E. (1997).

¹⁷ THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*, p. 18.

em andamento e tem sido alvo de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas.

Desta maneira, acredito que seja pertinente, neste momento, fazer um questionamento: o que tem ocorrido em nossa contemporaneidade, no que diz respeito à relação humana com a natureza, representa uma passagem do Bambi ao Rambo, como mostrou Vanreusel, ou do Rambo ao Bambi, como pode ser observado em Thomas?

Outras formas de se perceber a natureza¹⁸

De certa maneira, pode-se perceber que, apesar de alguns estremecimentos na relação entre os grupos sociais e a natureza (na maioria das vezes por consequência de práticas pensadas e, também, impensadas) por falta de orientação, organização e, até mesmo, disposição, há um outro olhar que perpassa a atualidade: um olhar de admiração, de atração e de descoberta. A natureza aparece, então, como espetáculo, podendo ser apalpada, sentida e admirada. Há uma espécie de simpatia, de “sentimento de participar de um cosmo comum” e, também,

“o pressentimento de uma harmonia entre os diversos elementos desse cosmo (...). Pode-se acrescentar que essa simpatia e essa harmonia exprimem-se na sua própria lógica, isto é, são vividas com os outros, seja esse outro eufemizado, correspondendo ao leitor ideal, ou o que está ao meu lado no mundo dos turistas. A natureza deixando-se tocar na paisagem, lembra que a vida social repousa sobre a tutilidade.”¹⁹

A natureza possui uma força intrínseca que talvez se resuma no poder de transmissão deste referido fascínio que, como consequência, também forma grupos. Neste sentido, Maffesoli remete-se à poesia, apontando que a natureza é capaz de colocar o mundo numa gota de água e que o poeta é capaz de exprimir isto e, mais ainda: o sábio deve perceber.²⁰ No limite, o autor sugere que o caminho mais seguro para se chegar à harmonia social é a reconciliação entre a natureza e a arte (em seu sentido amplo de urbanização, modos de vida, produtos, etc.).

Compartilho com este mesmo autor sobre a necessidade de a sensibilidade ser pensada como um fim e não como um meio, tendo em vista que o sensível é negado ou tolerado em limites muito precisos; às vezes, ele é reconhecido apenas como mero vetor para aceder a outra coisa, como por exemplo, na produção artística, os dados sensíveis serem concebidos apenas para exprimir uma idéia que irá ultrapassá-los.

Perceber a sensibilidade como um fim, permite-nos acreditar no sensível dando razão maior à vida, permitindo o desenvolvimento do sentido estético em suas formas artísticas clássicas ou em suas formas cotidianas; permitindo considerar “a vida como obra de arte”.²¹

Esta sensibilidade deve ser vivida e experimentada com os outros, sendo este

¹⁸ As idéias contidas nessa seção foram por mim apresentadas no artigo: “Uma relação sensível entre natureza e sociedade”, publicado nos anais do XI Conbrace.

¹⁹ MAFFESOLI, M. op. cit., p. 246.

²⁰ Ibidem, p. 243.

²¹ Ibidem, p. 77.

prazer de estar junto observado nas múltiplas situações do dia-a-dia (nas festas, no trabalho, na rua, etc.).

A sociedade ou os diversos grupos que representam a contemporaneidade procuram suas memórias, muitas vezes, em uma vida enraizada, nos prazeres cotidianos vividos aqui e agora. Neste sentido, inúmeras relações estabelecidas pelos grupos humanos moldam os mais diferentes ambientes presentes no planeta. Nesta mesma direção, Maffesoli faz algumas reflexões sobre as relações sociais se estabelecerem entre as “tribos” nas megalópoles contemporâneas, as quais se constituem em “espaços de celebração” (em termos religiosos), onde se celebram os mais variados cultos:

“São as celebrações do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da ‘comédia’, do esporte... O denominador comum é o lugar onde se faz essa celebração. Assim, o lugar torna-se laço.”²²

Acredito, neste sentido, poder extrapolar o limite da cidade e estender este espaço de celebração à natureza. Da mesma forma que Maffesoli aponta, nas cidades (o bar da esquina, a tabacaria, o jardim do bairro, os bancos das praças, as salas de ginástica, de política, enquanto laboratórios de elaboração da “misteriosa alquimia da sociedade”), arrisco um paralelo com a natureza. Nela também permeia um certo tipo de celebração social. As árvores, as sombras, as trilhas, as cachoeiras, os rios e lagos, as pedras e montanhas, as flores; todo este cenário natural representa a possibilidade de ser vivida, conforme descreve Maffesoli, uma “mistura de afetos e de emoções comuns”. O meio natural representa, portanto, um lugar que pode ser emocionalmente vivido. Atribuo esta conotação ao mencionar a natureza enquanto espetáculo. Espetáculo no sentido dos sentimentos que nela (e com ela) podem ser vividos. A natureza torna-se ponto de encontro representando, de alguma forma, um espaço que celebra certos tipos de mistérios. A oportunidade de estar em relação com o meio natural possibilita o reconhecimento do outro e de nós mesmos. O sensível vivido num dado lugar (neste caso específico, a natureza) com os outros é consideravelmente relevante para a história humana, tendo em vista o vigente processo fragmentário, globalizante e, muitas vezes, efêmero, impedindo a sensibilidade de se aflorar no dia-a-dia humano.

As atividades *outdoor*, na maioria das vezes, são praticadas em grupos, dos quais fazem parte pessoas com diferentes modos de vida. Em comum elas têm a descoberta de uma nova relação com o meio natural e, até mesmo, a descoberta de sentimentos possíveis de serem vividos em conjunto. Vive-se um prazer e uma emoção compartilhada e, de certa forma, algumas diferenças (língua, raça, sexo) são apagadas por este sentimento coletivo. Talvez esta característica particular faça destas atividades uma reação à nossa realidade atual, repleta de efemeridade e superficialidade, como uma forte e criativa expressão dos diferentes grupos sociais. Atualmente, acredito ser impossível imaginarmos uma natureza “encapsulada”, distante dos olhares, protegida de tudo e de todos. Para que serviria um lugar excepcionalmente maravilhoso (estilo paraíso perdido), se não pudermos tocá-lo, senti-lo e partilhar essas emoções?

²² MAFFESOLI, M. *O poder dos espaços de celebração*, p. 64.

Abstract

As the natural environment comes being destroyed affecting mainly the quality of human life, the environmental subjects have been receiving attention more and more on the part of researchers and studios. In this sense, it never was so necessary to contemplate about the relationship between the humans and the nature. It is in this context that we can notice new forms of linking with the natural environment and with other people. It will specifically be on the manifestation of the adventure activities practices and its repercussions that this article intends to discuss.

Keywords: nature; sports; sensibility.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, Marcos. *O que é natureza*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASTILLO, David; FAJARDO, Xavier; FUNOLLET, David. Necesidad de una educación ambiental integrada en la práctica de la actividad deportiva en el medio natural. *Apunts: Educación Física y Deportes*, n. 41, 1995, p. 76-79.
- DA COSTA, Lamartine P. (editor) *Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional*. Edição: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Portugal, 1997.
- LÓPEZ PASTOR, Vitor M.; LÓPEZ PASTOR, Esther M. Tratamiento de la educación ambiental desde el área de educación física. Problemática y propuestas de acción. *Apunts: Educación Física y Deportes*, n. 50, 1997, p. 76-81.
- MARINHO, Alcyane. Uma relação sensível entre natureza e sociedade. In: *Anais... XI Conbrace*, Florianópolis, setembro de 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de celebração. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, janeiro/março, 1994, p. 59-70.
- POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza – as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise B. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 114-120.
- RODRIGUES, Arlete M. A questão ambiental e a (re)descoberta do espaço: uma nova relação sociedade/natureza? *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 73, 1994, p. 35-71.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. 3. impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- VANREUSEL, Bart. From Bambi to Rambo: towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O. and SCHULZ, W. (eds.) *Sport in Space and Time*. Vienna: Vienna University Press, 1995.

Alcyane Marinho é mestranda pelo Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp e bolsista do CNPq.

E-mail: alcyane@linkway.com.br